

Educar:

uma comunicação de si,
ou seja, da própria maneira de
se relacionar com a realidade

Encontro de padre Julián Carrón
com os educadores
de Comunhão e Libertação



2007

OUTUBRO

MILÃO

CADERNOS



Passos

Educar: uma comunicação de si, ou seja, da própria maneira de se relacionar com a realidade

**Encontro de padre Julián Carrón
com os educadores
de Comunhão e Libertação**

Milão, 14 de outubro de 2007



Na capa:

Pierre Auguste Renoir, *A aula*, 1906 (© Corbis)

Franco Nembrini. Bom dia a todos, e sejam bem-vindos, venham vocês de perto ou de longe, dado que alguns provavelmente tenham levantado às três da manhã para estar aqui hoje.

Nosso encontro, como vocês sabem, tem como título “Viterbo, 1977-Milão, 2007: trinta anos de presença na escola”; mas vamos logo dizendo que não queremos que ele seja uma espécie de “reencontro de turma”. Não é uma reunião de ex-combatentes de guerra e sobreviventes, ou – em síntese – daquelas pessoas que podem dizer: “Eu estava lá”; não é uma reunião de saudosistas do Colégio Berchet¹, de coisas passadas, grandes, sim, mas passadas. Já vivemos num país, a Itália, que parece permanentemente refém de “grandes homens antigos” que não se aposentam nunca, e não se aposentam porque podem dizer: “Eu estava lá” (estava na Resistência, estava na Constituinte... são todos pais da pátria). Nós não, nós não somos aqueles que dizem “eu estava lá”, mas os que dizem “eu estou aqui agora”.

¹ Onde se iniciou o Movimento de Comunhão e Libertação, na época *Gioventù Studentesca*, na década de 1950; *nde*.

Ainda há pouco, quando cantávamos, eu olhava para Stefano, que está conosco há tantos e tantos anos; e depois via Pavel cantar e Francesco acompanhá-lo ao violão, e pensava que em 1977 eles nem tinham nascido! Realmente, nós nos comovemos, quando pensamos nestes trinta anos de história intensa e fecunda, na qual o carisma de Dom Giussani nos acompanhou, permitindo que hoje possamos dizer: “Eu estou aqui agora”.

Alguns com trinta ou quarenta anos de experiência do Movimento nas costas, outros que chegaram ainda ontem, que estão no seu primeiro ano de ensino. Mas todos sabemos bem que na nossa experiência a frase “eu estou aqui agora” pode ser dita por um jovem de vinte e cinco anos com um frescor, com uma profundidade, com uma decisão que nos deixa comovidos, e que gostaríamos de aprender a imitar. Pois, na nossa experiência, quem faz as coisas é Deus, e Deus pode tomar um jovem e ungi-lo rei bem na frente de todo o sínédrio, fazendo-o queimar etapas. Quem faz as coisas é Deus, e o que nos cabe é olhar e seguir essa presença, esse acontecimento que se impõe.

Esta é uma história que nos acompanha há trinta anos. Acredito que poucos aqui presentes estiveram em Viterbo, em 1977; com certeza, a maioria das pessoas que nos assistem neste momento do mundo inteiro não estavam lá. Eu falo dessas pessoas porque precisamos realmente cumprimentá-las, uma por uma. Neste momento nos assistem, via internet, os amigos da Alemanha, Argentina, Canadá, Casaquistão, Chile, Colômbia, Equador, Eslovênia, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Hungria, Irlanda, Lituânia, México, Nigéria, Paraguai, Portugal, Quênia, Romênia, Rússia, Uganda, Venezuela.

Parece-me que nesse “eu estou aqui agora” está todo o drama da vida, todo o conteúdo do chamado de atenção que nos será feito hoje, da ajuda que pedimos a Julián, a quem agradecemos realmente pela solicitude e paternidade com que acompanha a todos e a cada um de nós. Pois este, a meu ver, é o problema de hoje: não é óbvio podermos dizer “eu”, ou seja, termos a consciência de nós mesmos segundo todos os fatores que nos constituem, ter a consciência de nós mesmos da maneira como Deus nos fez. Como também não é óbvio estarmos aqui, prestarmos contas à realidade segundo a totalidade das suas dimensões, segundo a totalidade de seus fatores.

Como sabemos bem, a relação entre o eu e a realidade é o grande ponto no qual Julián nos obrigou a concentrar nossa atenção nestes últimos dois anos, particularmente, creio eu, a partir dos Exercícios da Fraternidade deste ano. Hoje, nós pedimos a ele que nos ajude a poder dizer “eu estou aqui agora” de acordo com toda a amplitude da nossa liberdade e de acordo com toda a amplitude da responsabilidade a que Deus nos chama.

Das numerosas colaborações escritas que recebemos, mais de duzentas (agradeço realmente a todos pela solicitude com que participaram da preparação deste encontro), tomo a liberdade de chamar a atenção sinteticamente apenas para aquelas que nos parecem ser as questões mais recorrentes, os pontos nevrálgicos que se destacam desses testemunhos e reflexões.

A primeira questão: a necessidade de entender. Julián, ajude-nos a entender em que situação vivemos hoje, o que está acontecendo ao nosso redor e o que está acontecendo em nós, para esclarecer também os motivos de um cansaço muito disseminado, que faz alguns de nós dizerem: “Não agüento mais. Digam-me por que vale a pena seguir em frente e continuar nesta profissão depois de dez, vinte ou trinta anos. Nada muda, os jovens pioram, eu ganho pouco: digam-me por que vale a pena seguir em frente”.

A segunda: ajude-nos mais uma vez a entender com clareza qual é o ponto consistente do nosso eu, e, portanto, de qualquer tentativa que fazemos de ser uma presença em nossas escolas, para que possamos ficar livres da chantagem do êxito ou da chantagem das circunstâncias. Ajude-nos a sermos livres, a entender em que se apóia a consistência da pessoa, de modo a evitarmos e escaparmos dessa chantagem sempre presente, que faz que a pergunta, em vez de ser sobre nós mesmos, seja sempre deslocada para outra pessoa, por exemplo para os jovens (o que devo fazer, como devo fazer, como convencê-los, como agregá-los, como fazê-los virem atrás de mim?). E o resultado disso é que, freqüentemente, a nota dominante é uma espécie de lamento, pelo fato de as coisas nunca serem como deveriam ser ou nunca acontecerem como tínhamos imaginado que deveriam acontecer.

Enfim, ajude-nos a entender a dinâmica da relação entre autoridade e liberdade. Que significa que nos é confiada uma responsabilidade

de pessoal diante de Deus e diante dos homens e, ao mesmo tempo, que esse ímpeto pessoal (que quem sabe reencontremos justamente a partir de hoje) é chamado a se tornar construção comum? Que relação existe entre a nossa responsabilidade e uma autoridade reconhecida, entre o ímpeto criativo do eu e a consciência de pertencer a uma companhia guiada?

Julián Carrón. Agradeço-lhes pelo convite para falar sobre uma questão que me interessa muito, mesmo porque lecionei durante bastante tempo.

I. O desafio atual

Se existe uma palavra de ordem com que todos nos identificamos hoje, podemos sintetizá-la usando a expressão “emergência educativa”. Desde o Papa Bento XVI (no congresso da Diocese de Roma) até a Unesco – para mencionar apenas duas das realidades mais destacadas –, todos concordamos que nos encontramos realmente diante de uma emergência, pois vemos a dificuldade que a nossa sociedade tem (a nossa sociedade somos nós, são vocês, professores, são os pais) para transmitir a razão de viver, ou seja, para introduzir realmente à realidade todos os novos membros do nosso povo.

Quais são – para dizer de maneira muito sintética – os sinais inequívocos dessa emergência?

No que diz respeito aos estudantes, eu descreveria a situação de hoje com uma palavra: desinteresse. Qualquer um que se torne professor não se vê diante de pessoas, de jovens inclinados e dispostos a estudar, de pessoas interessadas naquilo que têm de aprender. O primeiro problema que qualquer professor enfrenta, portanto, é como despertar o interesse por aquilo que ensina. Ou seja, nós, hoje, não podemos dar por óbvio o sujeito que quer aprender; é possível que existam milhares de professores muito bons, dispostos a ensinar todos os seus conhecimentos, mas o problema é que não há estudantes com o desejo de aprender.

Se é assim, como se desperta outra vez o interesse, como se gera o sujeito? De que forma devemos nos posicionar diante dos jovens e

daquilo que temos de ensinar para dar início ao processo que permite a nossos alunos ou a nossos filhos entrarem na realidade? A consequência do desinteresse, que não permite que eles se fascinem e que todas as suas capacidades se ponham em ação, é a passividade. Nós vemos uma porção de jovens “estacionados” nas escolas ou em outros ambientes. Como dizia Pietro Citati, num artigo publicado no jornal *La Repubblica* há alguns anos, os jovens “preferem continuar passivos [...], vivem envolvidos num misterioso torpor”². Mas nós, adultos, muitas vezes não somos diferentes. Como Franco dizia na introdução, vemos em muitos dos professores um cansaço ou uma solidão ante os desafios de todos os tipos que temos de enfrentar.

Ainda me lembro de um professor meu, que encontrei uma vez à entrada do seminário onde eu morava; ele voltava para o seminário um pouco perturbado, e por isso eu lhe perguntei: “O que houve?”. Ele me respondeu: “Acabo de dizer aos meus alunos que tenho menos satisfação que um mecânico, pois um mecânico, se esforçando, pode fazer um carro funcionar, mas eu, que me esforcei tanto, vejo que metade deles vai repetir de ano”. Para provocá-lo, eu então lhe disse: “Mas isso é geral? Como é que seus colegas lidam com isso?”. E ele: “Eles mudam o seu método de dar aulas uma, duas, três vezes... até a hora em que desistem”.

Isso vale para nós, professores, não menos que para os estudantes, pois afinal, depois que desiste de tentar, de procurar, o que é que a pessoa faz? Ela se comporta como os alunos: é obrigada a suportar horas e horas de aulas, com todo o peso da vida. Imaginem que interesse um professor assim pode despertar em seus alunos! Esse desinteresse pela realidade, que leva inexoravelmente a uma passividade, nos permite entender a natureza da crise em que estamos mergulhados: não é um problema apenas de escola; é uma crise do humano. Ela se expressa na passividade de muitos jovens, quase incapazes de se interessar por alguma coisa de modo duradouro, e se expressa também no cansaço, na solidão, no ceticismo de muitos adultos, que não encontram um interesse pelo qual realmente valha a pena comprometer até o fundo a sua humanidade. Por esse motivo, eles também não têm a capacidade de envolver, de levar os

² Citati, P. “Gli eterni adolescenti”. In: *La Repubblica*, 2 de agosto de 1999, p. 1.

jovens a se interessarem pelas coisas que têm à sua frente. Como dizem nossos amigos espanhóis num panfleto que escreveram para a retomada das aulas, citando Péguy: “A crise do ensino não é crise de ensino, é crise de vida”.

A situação em que nos encontramos é um desafio para nós, em primeiro lugar. Diante dela, muitas tentativas se demonstraram fadadas ao fracasso, como, por exemplo, dizer: “Sendo que não podemos interessá-los, pelo menos vamos adotar algumas regras para que o rio não transborde; vamos apelar às forças morais das pessoas, dos jovens”. Todos sabemos que isso não é suficiente para mover o interesse. O próprio fato de termos de apelar sempre a esse moralismo extrínseco significa reconhecer uma derrota. Mas o mesmo vale para outras tentativas, como a de Galimberti, expressa no artigo “A geração do nada”, publicado em *La Repubblica*³: depois de reconhecer que a razão iluminista não é capaz de despertar o interesse, ele propõe a volta aos gregos; afirma que, às vezes, o desejo é ilimitado, e que por isso é preciso estabelecer uma medida, contentando-se com a arte de viver grega. Mas essa própria medida se mostra derrotada na realidade, uma vez que não é capaz de despertar o interesse. Assim, o desinteresse e a passividade só aumentam.

Nossa primeira questão é saber se estamos dispostos a encarar essa situação, a tomar esse desafio em nossas mãos, a lidar com a realidade tal como ela é, ou se preferimos buscar uma forma de resolver o problema sem focar o verdadeiro desafio perante o qual nos encontramos. Diante dessa questão, eu me lembro da frase de Santo Agostinho que o papa Bento XVI nos recordou e que nós todos vemos como adequada para descrever a realidade atual: “Afinal, o que move o homem no íntimo?”⁴. Na situação em que nos encontramos, o que é capaz de mover o homem no centro do seu eu?

Para responder, observemos o que acontece a uma criança quando pomos diante dela um brinquedo: todo o interesse começa a ser despertado nela. Já dei este outro exemplo muitas vezes: imaginem que vocês estão na sala de aula, levaram um aparelho que os alunos não

³ Galimberti, U. “La generazione del nulla”. In: *La Repubblica*, 5 de outubro de 2007, p. 47.

⁴ Cf. Santo Agostinho. *Comentário ao Evangelho de São João*. Homilia 26, 5.

conhecem, mas esqueceram o cabo de energia e pedem a eles que esperem um instante, enquanto vocês vão buscar o cabo. Assim que vocês saem da sala, quanto tempo acham que os garotos vão se segurar, antes de levantar e correr para a mesa para ver o que é aquilo?

É a realidade que desperta o interesse. Mas, para uma criança, não é suficiente ter um brinquedo à sua frente para que continue a se interessar: não basta explicarmos a ela a química ou a física do brinquedo, as instruções em inglês, as dimensões; se ela não entende qual é o sentido daquele brinquedo, com o tempo nós o veremos esquecido no canto do seu quarto, pois, para a criança, não bastam explicações parciais, dados parciais. Diante da realidade, a razão é exigência de totalidade, de significado total. Não há introdução ao brinquedo sem essa introdução total. É por isso que sempre repetimos que a educação é introdução à realidade total. E aquilo que acontece com o brinquedo acontece com tudo. Quando uma pessoa trabalha horas e horas todos os dias, ou está diante da pessoa que ama, ou de um pôr-do-sol, é impossível que, em algum momento, não se pergunte: “Mas que sentido tem tudo isso?”

Se a realidade desperta o interesse assim tão facilmente, por que, então, existe esse desinteresse? Porque – como nos disse a já conhecida e tantas vezes citada María Zambrano – é justamente isso que está em crise: “O que está em crise [...] é o misterioso laço que une o nosso ser à realidade, um laço tão profundo e fundamental que chega a ser o nosso sustentáculo mais íntimo”⁵. Se a realidade é aquilo que dá sustentação à vida, que dá sustentação ao interesse do jovem, ao nosso interesse, para que vivamos um dia ou para que consigamos permanecer diante de uma situação – tanto assim que quando a pessoa não está interessada a vida é um tédio total –, e, se o laço com a realidade, não apenas com um aspecto dela, está em crise, nós logo podemos nos dar conta do alcance dessa crise: não é apenas uma crise do laço que nos une a um ou outro aspecto particular, é uma crise da nossa relação com a realidade.

Que significa dizer que o laço com a realidade está em crise? Não significa que esse laço não existe. Nós não podemos evitar a relação

⁵ Cf. Zambrano, M. *Verso un sapere dell'anima*. Milão, Cortina Editore, 1996, p. 84.

com a realidade. Estamos sempre em relação com ela. Não existe homem ou jovem no cenário do mundo em quem a realidade não desperte perguntas.

Eu me lembro sempre de uma coisa contada por um estudioso francês, Olivier Clément. Seu pai era um ateu, que o havia introduzido à realidade de acordo com esse seu posicionamento, mas isso não impedia que o garoto fosse tocado pela realidade. Em sua autobiografia, ele conta que quando tinha oito anos morreu um amigo seu, chamado Antoine; diante do caixão, o menino olha para o pai e pergunta: “Papai, onde está o Antoine?”. O pai, coerente com o seu ateísmo, responde: “O Antoine não está em lugar nenhum; ele morreu”. Poderíamos achar que isso fecharia a questão, mas, aos doze anos, passeando com seu pai uma noite, diante de um céu estrelado, o menino pergunta outra vez: “Papai, o que existe depois das estrelas?”. “Depois das estrelas não existe nada.”

Não existe ninguém, não existe poder nenhum deste mundo que possa deter essa dinâmica, esse impacto do eu com a realidade que desperta sempre a pergunta. Não existe: poder nenhum pode evitar que o céu estrelado reabra a pergunta sobre o sentido. E o que se dá diante das estrelas se dá diante do trabalho, da afeição, do tempo, de tudo o que acontece; a realidade não pára de despertar as perguntas, mesmo na situação em que estamos vivendo: tem sentido continuar a trabalhar depois de dez, vinte anos, com todo o caos que existe hoje na educação? É como se o Mistério não nos permitisse desistir e continuasse a bater à nossa porta, despertando de novo a exigência de significado. Nenhum poder pode detê-lo, nenhuma situação pode detê-lo! Por isso, o fato de a relação com a realidade estar em crise não significa que essa relação deixe de acontecer: é impossível que não aconteça. O desejo de encontrar uma resposta que torne razoável o instante em que vivemos nos é despertado constantemente em qualquer circunstância, não apenas nas boas, mas também nas ruins, aliás, nestas mais ainda: que sentido tem trabalhar no ensino, na situação atual? Por isso – dizem muito bem os espanhóis em seu panfleto –, esse desejo é o principal recurso de qualquer esforço de educação, pois estimula a curiosidade e as perguntas sobre todas as questões da vida. Logo, se nos perguntam se na situação atual

é possível educar, precisamos responder imediatamente que sim, pois esse desejo é sempre despertado de novo.

Então, onde é que está o problema da nossa relação com a realidade? Dom Giussani o identifica assim: diante desse desejo, dessas perguntas que a realidade desperta em nós, nós sucumbimos a “uma possibilidade permanente da alma humana, [...] uma triste possibilidade de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total”⁶.

As perguntas são inevitáveis, o desejo de encontrar uma resposta não pode ser posto de lado, mas nós podemos não levá-lo em consideração, podemos não nos deixar arrebatar pelas perguntas e, assim, imobilizar essa curiosidade. É a liberdade que está em questão, quando não seguimos o interesse suscitado pela realidade, quando não seguimos a curiosidade que a realidade desperta em nós. E, quando sucumbimos a essa possibilidade da alma humana de falta de empenho com a realidade, o que acontece? Nós não descobrimos o significado, e, quando não se reconhece o significado, a realidade não interessa mais. Se a criança não sabe como usar um brinquedo, logo o abandona no canto do quarto, pois não sabe o que fazer com ele.

Portanto, a incapacidade de introdução à totalidade da realidade não está desligada – como pensávamos – da nossa relação com a realidade: se não percebemos o significado, a realidade cedo ou tarde deixa de nos interessar, e nós, na escola, como os jovens, podemos nos tornar passivos. Essa é a origem do desinteresse que acaba por se transformar em tédio, pois nada mais desperta o interesse. Nós pensávamos que a realidade pudesse continuar a ser atraente sem um significado. Pensávamos: o significado é um acréscimo de que podemos prescindir; nós podemos explicar física ou química aos jovens, mas não é preciso lhes dar o significado. Pensávamos que pudessemos reduzir a educação à transmissão de conhecimentos, de dados, mas isso não bastou para que os jovens continuassem a se interessar por aquilo que têm à sua frente. E, se o interesse não é despertado, aquele desejo que havia sido acordado diminui, e surge o niilismo para o qual tempos atrás Augusto Del Noce já chama-

⁶ Giussani, L. *Por que a Igreja*. Tradução de Neófita Oliveira e Durval Cordas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, p. 65.

va a atenção: “O niilismo de hoje em dia é o niilismo jovial, sem inquietação (talvez até pudesse ser definido como a supressão do *inquietum cor meum* agostiniano)”⁷, como a supressão do desejo, não porque a realidade não o desperte sempre de novo em nós, mas porque, se não encontra uma resposta à exigência de totalidade, à exigência de significado, o desejo diminui, como na criança diante do brinquedo. Mas isso deriva de uma decisão que nós tomamos, de uma falta de empenho, de uma imoralidade última perante essa exigência de significado que nos constitui.

Atenção, porém: nós nos encontramos diante de uma pergunta à qual não cabe uma resposta qualquer. Essa é a mentira do relativismo. Nós sabemos que é mentira, pois nem todas as respostas correspondem à exigência da pergunta que temos. Não é qualquer resposta que dá sentido ao trabalho de todos os dias, à dor, a como viver as circunstâncias, de modo que não se tornem para nós um túmulo. O problema da educação é termos uma resposta a essa urgência do viver, a ponto de poder comunicá-la vivendo. Portanto, não é um problema dos jovens, mas dos adultos, é um problema nosso. Somente se nós, adultos, não faltamos a esse empenho com a realidade na sua totalidade é que podemos comunicar um sentido. Eu me entusiasmo com isso, pois não há nenhuma toca, não há nenhuma circunstância que nos poupe desse empenho. Não pensemos em resolver o problema usando um manual de instruções! Essa é a graça de ter de lidar com os jovens: que nós não damos conta disso, e não basta uma resposta qualquer. E o que sinaliza isso é a passividade ou o cansaço.

Sendo assim, precisamos começar a encarar essa situação. Queremos enfrentar isso ou fazer alguma coisa à parte da vida, dos problemas? No contexto atual, existe alguma esperança, existe alguma coisa que pode mover o homem no íntimo? Que é o mesmo que Franco perguntava na introdução: como é que podemos estar aqui agora? Como é que eu posso dizer “estou aqui agora” por inteiro, diante da realidade, diante dos jovens, diante da escola de hoje, diante dos meus filhos ou diante de mim mesmo?

II. Como pôde acontecer

Para responder a essa pergunta, não devemos dar voltas ao cérebro inutilmente; de novo, temos de olhar. Olhemos para a nossa experiência: aconteceu alguma coisa que despertou de novo o nosso interesse, que nos pôs de novo em movimento? Que foi que facilitou a remoção da falta de empenho? Que foi que nos pôs de novo em movimento? Nós podemos identificar alguma coisa real? Sim. Nós o chamamos “encontro”. Encontramos uma atração vencedora que trazia dentro de si uma hipótese de significado que nos arrebatou; era uma coisa tão real, que facilitou que todo o nosso eu se pusesse em movimento. Podemos chamá-la de muitos modos: uma preferência, algo que tivemos de reconhecer, que se instalou em nós e que despertou de novo todas as nossas exigências.

“O encontro”, estudamos na Escola de Comunidade sobre *O caminho para a verdade é uma experiência*, “possui a característica de uma novidade e de um valor sem par. E todavia, por meio de uma frase, de uma palavra, de um gesto vemos aflorar na realidade presente o encontro com uma tradição que tem suas raízes nos séculos. O encontro com aquela comunidade ou com aquele colega nos comunica assim um anúncio que jorra de uma vida de séculos, da *tradição*”⁸. E por que nos põe em movimento? Porque é tão correspondente que solicita todas as nossas exigências, põe em movimento todas as nossas exigências, desperta novamente em nós a vontade de entrar na luta e nos torna livres para entrar nela.

“Assim como o encontro não é predisposto por nós”, diz a Escola de Comunidade, “o nosso agir não está condicionado pelos nossos sucessos”⁹. Por isso, em toda esta situação de cansaço, de confusão, por que posso recomeçar? Porque aconteceu alguma coisa que torna a minha ação livre, pois não depende da confusão, das dificuldades da escola, do ambiente, dos colegas, dos jovens; não depende disso. “O motivo que nos move e que justifica a nossa difusão não está em nós, mas no fundo de nós,

⁸ Cf. Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*. Tradução de Neófita Oliveira e Giovanni Vecchio. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2006, p. 166.

⁹ Id., *ibid.*, p. 167.

⁷ Del Noce, A. *Lettera a Rodolfo Quadrelli*. Inédito, 1984.

lá onde existe um Outro [com O maiúsculo], Aquele que adoramos. Nós queremos realizar não um partido nosso, não um projeto nosso, mas algo diferente, puro, nítido, que não depende de nós, mas dAquele que nos fez. Por essa razão, o encontro aceito com simplicidade nos dá uma grande liberdade de espírito que não nos permite parar jamais, que nos faz agir independentemente da nossa cultura ou da nossa habilidade, até para além de nosso próprio coração. Possuímos esta fé, esta certeza, porque um Outro age em nós. A nossa liberdade é aquela simplicidade e ingenuidade pela qual jamais cansaremos de nos dirigir a quem quer que seja, de repetir a quem quer que seja o convite para aquele encontro, que é definitivo na vida de um homem”¹⁰. Ninguém pode impedir isso, pois é um acontecimento que desperta sempre de novo o eu. E só se isso continua a acontecer, se isso permanece, se permanece como fonte constitutiva do meu eu, é que eu sou livre para entrar em qualquer circunstância, portanto para entrar na totalidade da realidade, para responder a essa exigência de significado, a esse meu cansaço ou a essa minha solidão. Aí dá para entender por que tudo começa a se tornar interessante. “No âmbito da experiência de um grande amor, [...] todas as coisas se tornam um acontecimento”¹¹.

O que aconteceu depois do encontro? Todos estamos aqui graças a um encontro. Mas o que aconteceu depois? Atenção ao que Dom Giussani já dizia trinta anos atrás: “Que a salvação [esteja neste encontro] seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se [atenção!] um apelo ‘espiritual’. O concreto seria outra coisa: o empenho sindical, a aprovação de certos direitos, a organização, as unidades de trabalho, as reuniões, mas não como expressões de uma exigência de vida, antes como mortificação da vida, como um peso, pedágio a ser pago a um pertencer que nos encontra ainda inexplicavelmente

¹⁰ Id., *ibid.*

¹¹ Guardini, R. *L'essenza del cristianesimo*. Brescia, Morcelliana, 1980, p. 12.

esperando na fila”¹². Ou seja, num determinado momento Cristo para nós não foi mais indispensável para viver a nossa situação: podíamos nos desfazer dele, pois o concreto era outra coisa. Cristo não nos parecia indispensável para viver o concreto; não que o negássemos, simplesmente se tornou uma premissa, um apelo espiritual, do qual não tivemos mais necessidade, depois, para entrar na luta. Vocês se dão conta? Fomos presunçosos e escavamos a nossa própria cova.

Mas, com o tempo, vemos as conseqüências disso em nós: com todas as nossas tentativas presunçosas, nós não conseguimos dar conta; muitos de nós estamos no túmulo com uma fantástica proposta de educação! E, tal como a nós, a mesma coisa acontece aos estudantes, acontece na comunidade. Vejam o que dizia Dom Giussani: “Constatamos muitas vezes que as comunidades jovens têm um rosto missionário, uma vibração comunicativa e que apresentam uma grande capacidade de atração. Isto significa que o conteúdo da nossa proposta é exaltante, é atraente, mas depois é como se não se mantivesse no mesmo nível: as comunidades, que aos poucos vão envelhecendo, ficam áridas. Existe o grave perigo de que o nosso movimento testemunhe a bondade da sua experiência na proposta inicial, mas que depois os seus membros esqueçam o método que a torna contínua. A proposta do Movimento é uma verdade e por isso impressiona. Mas sem o método correspondente [...] não há caminho, não há continuidade”¹³. Nós não podemos evitar o contragolpe da beleza da proposta nem em nós nem nos outros, mas não existe continuidade. Por quê? Porque mudamos o método, porque não eram as nossas iniciativas que despertavam as pessoas, mas era Ele que se fazia presente por meio delas.

“O Movimento nasceu de uma presença que se impunha e que levava à vida a provocação de uma promessa a ser seguida. Mas depois confiamos a continuidade desse início aos discursos [terrível!] e às iniciativas, às reuniões e coisas a fazer. Não a confiamos à nossa vida, de forma que o início, muito cedo, deixou de ser verdade

¹² Cf. Giussani, L. “Viterbo, 1977”. In: *Educar é um risco*. Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. Bauru, Edusc, 2004, pp. 96-97.

¹³ Id., *ibid.*, p. 95.

oferecida à nossa pessoa e se tornou motivo para uma associação, para uma realidade na qual descarregar a responsabilidade do próprio trabalho e da qual pretender a resolução das coisas. Aquilo que deveria ser o acolhimento de uma provocação, portanto um seguir cheio de vida, transformou-se em obediência à organização”¹⁴. Ou seja, em vez de comunicar a novidade na maneira como a pessoa vive a realidade que tem à sua frente, no empenho com a realidade, acreditamos que pudéssemos nos poupar desse empenho por meio da teorização de um método. Dizia Dom Giussani: “Devemos ajudar-nos a vencer um perigo já bastante em ato [dizia isso naquela época, imaginem, trinta anos atrás]: reduzir o nosso empenho a uma teorização de método sociopedagógico, ao conseqüente ativismo e à sua defesa política, no lugar de reafirmar e propor ao homem, nosso irmão, um fato de vida”¹⁵.

Por isso continuo a perguntar: será que algum dia nós nos arriscaremos a verificar a proposta de Cristo em vez de abandoná-la no instante seguinte, mudando de método? Não é verdade que em nós ou na comunidade dos jovens a proposta não suscite um fascínio; mas quem é que consegue mantê-lo? Será que pensamos que daremos conta do recado diante de nós mesmos e dos outros mudando o único método que pode despertar de novo esse interesse, ou seja, não tornando presente essa atração vencedora, em primeiro lugar para nós e, portanto, para os outros?

III. Um novo início

Por isso, é preciso um novo início, que não é – como Dom Giussani já dizia – partir de: “Que devo fazer?”, mas, sim, de: “Quem sou eu? O que sou eu?”. Não é uma pergunta retórica, mas “é o ponto de partida”, dizia em Viterbo, “que nenhum mal pode tirar”¹⁶. Se a pessoa tira esse ponto de partida, é porque não está claro; não é a

¹⁴ Id., *ibid.*, pp. 98-99.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 96.

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 109.

situação que derrota a nossa pessoa; a situação traz às claras, faz vir à tona a nossa fragilidade. Não é o ambiente que cria a fragilidade, não é a situação em que nos encontramos que cria a fragilidade; ela faz a nossa inconsistência, a nossa fragilidade, a nossa falta de liberdade virem à tona. Esse “que sou eu’ [...] é o princípio contínuo de ressurreição, é como um recife que a tempestade pode cobrir, mas jamais arrancar, e, num instante de bonança, desponta”¹⁷.

Portanto, é preciso que se renove em nós “uma consciência de si diferente [aquela que nasceu do encontro], portanto um sentimento do humano diferente, porque o sentimento do humano o obtemos em nós mesmos. Trata-se da *criatura nova* de que fala o Evangelho, a semente nova que está no mundo, um homem novo porque tem um novo sentimento de si, e, por conseguinte, do outro [...]. Essa consciência nova de si chama-se *fé* e se caracteriza pelo fato de que é como se eu não fosse mais eu, mas alguma outra coisa que está em mim”¹⁸.

Faço votos de que possamos sentir isso não como um apelo “espiritual”, que não tem a ver com a situação, repetindo a história de anos atrás, pois, como me diziam alguns de vocês, Dom Giussani sempre afirmava que “a coisa menos entendida foi Viterbo”. Essa fé que é uma autoconsciência nova, diferente, não é uma coisa à parte da realidade humana, não é uma roupa: é a realidade da pessoa, no seu significado e na sua consistência. Essa consciência gera presença no momento mesmo em que entra pela porta da escola, quer estejamos diante das crianças da pré-escola, quer diante dos jovens do ensino médio; do contrário, o que é que vamos fazer na escola?

Só se nós somos definidos por isso adquirimos uma certeza que nos faz entrar em tudo; é essa certeza que nos permite entrar na realidade. Mas como é que vocês conseguem ir dar aulas sem serem constantemente invadidos por essa certeza e por essa consciência? Eu entendo que a pessoa queira fugir dessa situação, mas como é que ela consegue? Vocês se dão conta de que isso não pode ser um apelo “espiritual”, mas a única maneira de nós mesmos vivermos com toda a nossa consciência, a ponto de dizer: “Estou na realida-

¹⁷ Id., *ibid.*

¹⁸ Id., *ibid.*, pp. 109-110.

de por inteiro”? Pois “a verdade deve ser realizada na vida”¹⁹, dizia Berdiaev. Essa certeza nos permite entrar na realidade, ir para a escola invadidos por essa Presença. “O fenômeno cultural”, dizia Dom Giussani em Viterbo, “se acende e se propaga somente se é gerado por uma *certeza* de fundo [...]. Essa certeza é o acontecimento de Cristo, que no adulto propõe-se de novo ao jovem e que o jovem revê presente na pessoa mais adulta que tem à sua frente”²⁰; dá para ver isso pelo fato de que esse acontecimento nos deixa apaixonados pelas coisas, alimenta o nosso interesse por tudo.

O sintoma dessa certeza – diz em *Certi di alcune grandi cose* – é a “simpatia com tudo o que a pessoa encontra. [...] Quanto mais uma pessoa é forte, como certeza de consciência, mais seu olhar, mesmo na maneira habitual de andar pela rua, abraça tudo, valoriza tudo, e nada lhe escapa. Vê até a folha amarela no meio da planta toda verde. Só a certeza do significado último nos faz sentir, como se fôssemos um detector, a mais distante limalha de verdade escondida nos bolsos de alguém. E não é necessário, para ser amigo de outra pessoa, que ela descubra que o que você diz é verdade e venha atrás de você. Isso não é necessário; eu é que vou atrás dela, por aquele tanto de limalha de verdade que ela possui. Pela falta disso, o Movimento deixou de ser movimento há muito tempo, pois nos fechamos no esquema do discurso e da práxis da própria comunidade: ou você age como nós ou não é um de nós [é Dom Giussani quem está dizendo, não sou eu que estou dizendo isso da minha cabeça!]. Só a certeza da verdade se sente imediatamente fraterna, materna e afeiçoada mesmo ao menor fragmento de verdade que se encontra em cada pessoa; assim, a verdade é amiga de todos”²¹.

Por isso eu dizia no Dia de Início de Ano que Dom Giussani nos deixou realmente a prova dos nove: se nós temos essa certeza, podemos entrar livremente em tudo e estar livres da chantagem do êxito. Mas para nós essas são coisas “espirituais”. Não, não, não,

¹⁹ Berdiaev, N. *Pensieri controcorrente*. Milão, La Casa di Matriona, 2007, p. 59.

²⁰ Giussani, L. “Viterbo, 1977”. Op. cit., p. 128.

²¹ Giussani, L. *Certi di alcune grandi cose, 1979-1981 (Ter certeza de algumas grandes coisas, 1979-1981)*. Milão, Rizzoli, 2007, pp. 155-156.

não! Esta é a prova para saber a maneira como eu vivo a realidade: ou dependente só de Deus e livre de todo o universo, de qualquer chantagem, ou livre de Deus e escravo de qualquer circunstância, de qualquer chantagem, de qualquer resultado²².

A maneira como estamos na escola, como estamos na realidade, como estamos diante de qualquer circunstância é a prova, o teste da nossa dependência do Mistério, é o teste da nossa liberdade, não das coisas que fazemos à parte, no domingo de manhã. A prova dos nove é se nós – justamente graças a essa dependência – vivemos uma liberdade do outro mundo, neste mundo. Pois “o cristianismo”, estudamos na Escola de Comunidade, “é um novo modo de viver este mundo. É um tipo de vida nova: não representa primeiramente certas experiências particulares, certas maneiras, gestos além dos comuns, certas expressões ou palavras a se acrescentar ao vocabulário habitual [...]; o cristão olha toda a realidade assim como quem não é cristão, mas o que a realidade lhe diz é diferente, e ele reage de maneira diferente”²³. Por isso pode entrar na realidade, em toda a realidade. E a realidade, o entrar nela, é a verificação da fé, dessa minha certeza. Do contrário, fazemos uma coisa paralela, à parte.

Foi isso que me entusiasmou quando encontrei o Movimento; havia muito tempo que eu pensava que meus superiores me faziam perder tempo: em vez de me deixarem me dedicar às minhas pesquisas científicas, eles me mandavam dar aulas. Na realidade, quando eu me dei conta do encontro que fiz, disse a mim mesmo: “Você é tonto mesmo, pois o que o Senhor fez você fazer foi a verificação da sua fé na escola”. Eu sou grato pelos meus dez anos de ensino justamente por isso, pois, do contrário, poderia ter encontrado a razão “teológica” para justificar a fuga da escola, como fizeram alguns de meus colegas: bastava que de repente aparecesse em mim a “vocaçãõ” para trabalhar na paróquia. Bastaria isso para que eu fosse embora derrotado, com a minha justificação teológica no caixão. Mas, graças a Deus, o que eu havia encontrado, o encontro que fiz com o Movimento e com a proposta de Dom Giussani, me permitiu verificar até o fundo

²² Cf. Giussani, L. *Na origem da pretensão cristã*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2003, p. 124.

²³ Giussani, L. *O caminho para a verdade...* Op. cit., p. 163-164.

a minha fé. Deixei a escola mais livre, mais feliz, mais contente, mais cheio de certeza do que quando comecei a dar aulas.

Esse é o desafio para cada um de nós. Fazer alguma coisa à parte ou ir trabalhar na paróquia (onde eu não tinha de estar diante da realidade, mas apenas conviver com aqueles que iam lá porque não tinham mais o que fazer) teria sido extremamente fácil. Mas vocês entendem que, do fato de ser obrigado a estar diante de jovens que eu não escolhia, ou de colegas que eu não escolhia, não havia possibilidade de fuga. Por isso eu dizia a Dom Giussani: “Eu sempre serei grato a você, pois desde que o encontrei pude fazer um caminho humano”, ou seja, verificar o alcance da minha fé (que não era apenas um apelo espiritual) na vida, na maneira como eu vivia a escola. E quando tive de deixar de dar aulas estava mais contente do que antes, do que quando havia começado. Do contrário, teria ido embora derrotado.

Por isso, sou extremamente grato por não ter sido poupado de nada e porque, pelo fato de ser padre ou de estar em determinada escola, não fui poupado do caminho de entrar eu mesmo na realidade, diante dos jovens, diante das matérias que eu tinha de ensinar. Se eu – pelo que havia encontrado, que me permitia levar a sério o meu desejo – não tivesse entrado na realidade, seria o primeiro a ser derrotado, pois não teria podido substituir isso por belas teorias de educação.

Pois a educação não é explicar a realidade, mas ajudar a entrar nela. Sabemos muito bem como é diferente dar uma belíssima aula sobre o capítulo X de *O senso religioso* de fazer a experiência do que o capítulo diz. Com as mesmas palavras de Dom Giussani podemos fazer duas sopas diferentes: uma nos faz aprender muito bem o discurso, a outra nos faz fazer a experiência do que o discurso diz. Qual é a diferença? A maneira como eu estou na realidade, como eu aproveito a realidade. A partir do momento em que me dei conta disso, ir à escola para mim se tornou uma festa. Se queremos introduzir os outros à realidade, não podemos fazê-lo – para usar uma comparação taurina – “assistindo à tourada das arquibancadas”. Só podemos ajudar os outros a entrarem na realidade se nós, em primeiro lugar, entramos na realidade até o ponto de descobrir seu significado; pois só se os jovens vêem a

vitória no nosso rosto, na nossa cara, na maneira como agimos, na maneira como reagimos, na maneira como vivemos tudo, e então se interessam pelo que vêm em nós, terão vontade de viver assim, pois “a educação”, como dizia Dom Giussani em Viterbo, “é uma comunicação de si, isto é, do próprio modo de se relacionar com o real”²⁴. Atenção, devemos esculpir essa frase! Comunicação de si não é comunicar os próprios pensamentos, as próprias teorias: é comunicar a própria maneira de se relacionar com a realidade, pois “o homem [...] é uma modalidade viva de *relação com o real*. [...] Por isso, comunicação de si quer dizer comunicação de um modo vivo de se relacionar com o real”²⁵.

Eu sou grato pelo fato de as circunstâncias da minha vida me terem obrigado a isso, pois eu, depois de dez anos de escola, me tornei professor da faculdade e, pelo fato de ser de CL, não podia falar nem um instante fora da aula, não me era permitido fazer nada à parte. Vocês entendem? E eu sou extremamente grato por isso, pois me permitiu, me obrigou a fazê-lo na sala de aula, na maneira como eu dava a aula; e ninguém podia impedir que eu desse a aula de determinada maneira e transmitisse os conteúdos de determinada maneira. Eu não precisava de nada mais além da aula; e ninguém podia impedir que, em muitas ocasiões, o que se dizia na aula se tornasse tema de conversas no refeitório da faculdade.

Não precisamos de mais nada, de coisas paralelas ou à parte, se aceitamos o desafio da realidade, pois é pela maneira como a pessoa vive a realidade que nós somos provocados. Por isso Dom Giussani dizia: “O início é uma presença que se impõe. O início é uma provocação, mas não ao ‘cérebro’ [...], à nossa vida; aquilo que não é provocação à vida faz-nos perder tempo, energia e nos impede de experimentar a verdadeira alegria”²⁶, e por isso, com o tempo, não nos interessa mais. “A presença educativa é a presença do adulto como pessoa unida”²⁷, e isso diz respeito a tudo, desde a didática

²⁴ Giussani, L. “Viterbo, 1977”. Op. cit., p. 122.

²⁵ Id., *ibid.*

²⁶ Id., *ibid.*, p. 97.

²⁷ Id., *ibid.*, p. 125.

até o ambiente, pois, se nós não chegamos até o ponto em que essa novidade de olhar, despertada pelo encontro, nos abre a descobrir mais o percurso que devemos fazer para comunicá-la, se não chegamos até esse ponto, até a didática, sucumbimos ao dualismo.

Um de vocês me escreve: “Voltei a dar aulas (no ensino médio) depois de cinco anos de ausência e encontrei lá uma situação que já havia experimentado tempos atrás. Posso dizer que me esforço para preparar as aulas, que ano após ano vão sendo enriquecidas pela experiência de uma série de encontros, leituras, confrontos e juízos que eu dou com outros amigos professores. Enfim, acredito que o conteúdo da minha comunicação não é neutro: no mínimo, os jovens (eu sempre acreditei) têm um material válido com o qual se comparar. No entanto, eu não paro de notar (tanto antigamente como agora) que, quando questiono meus alunos, eles (especialmente os melhores e mais sérios) insinuam em suas respostas elementos que não provêm do que eu lhes disse, mas do que encontram escrito em seus livros escolares. Quando voltam para casa depois de uma aula minha interessante, aprendem em seus livros noções que são exatamente o contrário do que eu propus: o ‘depois’ elimina o ‘antes’. Isso me faz entender o quanto é importante abraçar a realidade em todos os seus aspectos, inclusive a didática, ou seja, o conjunto dos materiais que constituem o complexo do aprendizado. Eu me dei conta de que, se a nossa preocupação educativa não chega até esse ponto, é como se nos rendêssemos logo de cara diante de um desafio cultural que nos compete, que é só nosso e não pode ser delegado aos outros”. Vocês entendem o desafio? Não me interessa o número: se dez pessoas aceitam esse desafio, eu estou com elas. Se alguém quiser fazer alguma coisa diferente à parte, não me interessa.

Da didática ao ambiente. O segundo fator da presença é estar dentro. “O cristianismo”, dizia Dom Giussani, “é o anúncio do Deus encarnado, e isto não significa apenas dizer que Deus se fez carne, mas também que se tornou imanente, orgânico no tempo, no espaço, na história. Então, é preciso estar dentro da trama normal e da modalidade com que a sociedade, com um poder que entra em qualquer lugar [...], envolve o indivíduo e o condiciona manipulando-o para os seus objetivos; é preciso estar dentro, no *ambiente*;

é preciso sermos orgânicos ao mundo na sua concretude capilar. Quantas vezes acreditamos que viver o nosso movimento fosse fazer algo ao lado da vida prática e concreta [isso nunca será o Movimento, como nunca será o cristianismo, pois é o contrário do que Deus fez: se tornar carne], ou que estar dentro da problemática dos ambientes da família, do bairro, da escola fosse algo ‘além’ em relação à comunhão entre nós! Esta é a mentalidade de todos [...]. [Pelo contrário] presença quer dizer estar com toda a própria humanidade dentro do ambiente”²⁸. Esta é a verificação da fé: se a fé, a certeza da minha fé me permite estar em qualquer situação. Do contrário, por que deveria me interessar? Por que é que Cristo me interessa, a não ser porque me permite estar na realidade em qualquer situação, diante de qualquer circunstância?

É por isso que Dom Giussani diz: “A comunhão ou é dentro do ambiente ou não é verdadeira”²⁹, demonstra-se que não é verdadeira, que o que me aconteceu não é tão verdadeiro a ponto de ser capaz de me fazer viver qualquer circunstância, não me introduz à totalidade da realidade, não me serve. E cedo ou tarde me acontecerá como a muitos cristãos para os quais a fé não interessava, não tinha a ver com a vida: não é que a negassem, mas deixaram de se interessar pela vida da fé. Nós estamos procurando verificar a nossa fé, pois “o ambiente é qualquer aspecto da trama normal e da modalidade prática com que o mundo envolve e condiciona, portanto, é a família, o bairro, as amizades, o sindicato, o ambiente de trabalho, a política, tudo”³⁰.

Se nós não entramos na realidade, amigos (nós o lemos na Escola de Comunidade; bastaria fazer a Escola de Comunidade de uma certa maneira), nos tornamos, em vez de chamado de atenção, propaganda: “A propaganda [...] é difundir alguma coisa porque eu a penso ou [porque] interessa a mim. O chamado, ao contrário, [...] é despertar algo que existe no outro”³¹. Mas como é que eu o desperto? Somente se eu me torno uma presença – pela maneira como

²⁸ Id., *ibid.*, pp. 112-113.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 113.

³⁰ Id., *ibid.*

³¹ Cf. Giussani, L. *O caminho para a verdade...* Op. cit., p. 175.

vivo a realidade –, volto a despertar o interesse dos outros. Não posso resolver o problema comunicando apenas um discurso: assim, faço propaganda, mas não consigo despertar de novo alguma coisa que está no outro. “O chamado que faço a um colega meu é ajudá-lo a reencontrar sua verdade, seu verdadeiro nome (no sentido bíblico), a reencontrar a si mesmo. O meu chamado de cristão é, portanto, a contribuição mais aguda à liberdade de uma pessoa, porque liberdade significa ser si mesmo. Por isso, o nosso chamado é o gesto supremo de amizade”³². Despertar novamente o outro, não fazê-lo se tornar “nosso”: o caminho que alguém deve percorrer para chegar ao destino é problema do Mistério. O que nos cabe é testemunhar Cristo, testemunhar a força de Cristo que desperta de novo o eu do outro. O que o outro faz depois é assunto dele, nossa finalidade não é levá-lo “para casa.” “[Por isso] o nosso chamado nunca é *principalmente* um chamado à adoção de determinadas formas, de determinados critérios ou esquemas, a uma particular organização, mas sim àquela promessa que constitui o próprio coração do homem. Nós estamos ecoando aquilo que Deus colocou nos seus corações criando-os [vejam!], colocando-os em determinado ambiente, formando-os. Exatamente por isso, não sabemos para onde Deus os conduzirá”³³. Mas nós muitas vezes pensamos que já sabemos o que o Mistério decidiu por eles, e isso é uma piada. O que me impressiona muitas vezes é a falta de sentido do Mistério, pois nós antecipadamente já sabemos qual é a forma... mas você tem certeza mesmo disso?

“O desígnio”, continua Dom Giussani, “é dEle [de Deus]. Não podemos saber qual será a vocação deles [bastaria uma frase assim para nos fazer rever tudo o que fazemos]. Portanto, o nosso chamado é principalmente àquilo que constitui o valor da vida de um homem, a um destino, a uma vocação, ao cumprimento desta, e nada mais [ele diz exatamente isso]. É necessário chamar o outro, revivendo os motivos pelos quais o chamamos. É justamente o esplendor, a expressão desse nosso reviver que constitui o chamado ao outro. [O esplendor desse nosso reviver se chama testemunho.

³² Id., *ibid.*

³³ Id., *ibid.*

Totalmente o oposto do discurso!] Logo, o chamado não é algo extrínseco a nós, quase como uma tarefa fora de nós. Quando alguém perdeu a vivacidade da adesão, seu chamado se torna frio, como se expusesse uma fórmula, uma ideologia; a sua é freqüentemente uma propaganda que gera apenas discussões: ele mesmo se sente estranho ao outro. É preciso fazer com que todo o nosso modo de agir, as iniciativas que assumimos, os convites que fazemos sejam penetrados e vivificados por uma genuína preocupação ideal. Nós temos todas as preocupações dos outros, porque são humanas. Mas em nós existe algo mais: cada gesto nosso é fundado na preocupação profunda de amar o homem, isto é, de ajudá-lo a ser verdadeiramente livre, a caminhar rumo ao seu destino [segundo um desígnio que não é o nosso]. Esta é a lei da caridade: o desejo de que o outro seja ele próprio [...]. Nós queremos ser pessoas que vão à escola e vão ao trabalho com a preocupação de obter boas notas ou receber um bom salário, com a curiosidade [o desejo] de saber acontecimentos e fatos, com o desejo de viver relacionamentos que preencham o tempo e impeçam o tédio; mas queremos acima de tudo ser pessoas que, além de tudo isso, sempre vão à escola, vão ao trabalho ou entram nas turmas de amigos com uma preocupação ideal, com a preocupação ideal suprema: Cristo e a Igreja”³⁴.

Por tudo isso digo que essa é a verificação da nossa fé. E a consequência disso é que, se a nossa proposta é viver diante dos outros, os destinatários são todos – todos –, pois nós vivemos diante de todos e não sabemos antecipadamente quem serão aqueles que o Senhor quer mover no íntimo por meio do nosso testemunho; não o sabemos. Por isso “está erradíssima aquela postura pela qual o nosso empenho educativo na escola procurou cristalizar-se em atividades alternativas”³⁵, para que daí saísse o que o Senhor desejava. Pois nós podemos fazer dois grupos de colegiais do Movimento diferentes: o dos jovens desafiados por essa nossa presença ou daqueles que não têm mais o que fazer. Fazemos dois grupos de colegiais do Movimento, podemos enchê-los de gente, mas se o que prevalecer for o segundo grupo, eu começaria a me preocupar. Não

³⁴ Id., *ibid.*, pp. 175-177.

³⁵ Giussani, L. “Viterbo, 1977”. *Op. cit.*, p. 127.

me contentaria pelo fato de haver muita gente; a questão é se essas pessoas vêm porque foram desafiadas em seus interesses.

Ouçam o que me escreveu um de vocês: “Há alguns meses eu estava procurando espaços para a ampliação da nossa escola. Acabei visitando algumas salas de uma paróquia próxima. O padre que me acompanhava me contava, com evidente satisfação, que o grupo de jovens da paróquia, que tinha ficado quase deserto durante anos, hoje, com a chegada dos extracomunitários (sobretudo de Marrocos) tinha voltado a florescer; havia uma seqüência ininterrupta de atividades e encontros, enfim, os ‘números’ tinham voltado a ser os de antigamente. Um pouco perplexo, continuei a visitar as salas da paróquia. A certa altura, passamos pela sala de multimídia, onde alguns jovens estavam comodamente sentados, ocupados em assistir à TV. Enquanto o padre se entusiasmava me explicando que esses jovens precisavam ter a possibilidade de não perder o contato com as tradições de seus países de origem, observando melhor, eu percebi que às três da tarde aqueles jovens tinham sintonizado uma emissora árabe. Esse episódio me fez entender que o problema não são os ‘números’ (e portanto o êxito do que fazemos), mas é que eu esteja diante da realidade à espera de que Ele se manifeste”.

Na medida em que o esfacelamento e a destruição das pessoas cresce, podemos até encontrar mais gente, mas seria um magro prêmio de consolação se fôssemos capazes de fascinar apenas alguns: eles vêm porque são atraídos ou porque não têm mais o que fazer? Com a nossa proposta, somos capazes ou não de desafiar e de mover aqueles que têm outras coisas na cabeça e que são arrebatados pela atração vencedora que têm à sua frente? Pois, de novo, podemos fazer duas sopas diferentes e podemos fazer dois grupos de colegiais do Movimento diferentes.

Isso nos leva a compreender que relação existe entre essa maneira de agir do Mistério e a maneira como devemos estar diante disso: não somos nós que decidimos quem move alguém em seu íntimo; é o Mistério que age por intermédio do último que chegou ou por intermédio de quem Ele decide. E nós devemos obedecer à forma como Ele faz as coisas. Por isso, o primeiro movimento de qualquer autoridade responsável, de qualquer pessoa que tenha responsabili-

dades entre nós, será obedecer à forma como o Mistério faz as coisas virem à tona. E se as faz virem à tona por intermédio de um de nós, devemos estar todos propensos a ver como podemos ir ao encontro dele, como podemos ajudá-lo, não a tentar logo incorporá-lo à estrutura. Mas vocês têm certeza de que quando fazem isso (incorporá-los à estrutura) os jovens os seguem? Será que somos loucos? Ninguém diz isso, pois o Senhor não é tolo, e move as coisas e as pessoas segundo o Seu método. Ele, que conhece a todos, sabe como fazer. Ou nós respeitamos isso e obedecemos a isso – e por isso a primeira autoridade é aquele que obedece mais, não aquele que administra mais –, ou incorporamos as pessoas. E quem quer que receba do Senhor a graça de encontrar isso, de fazer nascer, de gerar, diante desse fato que está acontecendo a ele, procurará logo pôr aquele que encontrou em relação com o único lugar em que poderá permanecer a atração. Não poderá pensar em administrá-lo de maneira personalista, pois depois de algum tempo cada um de nós iria para “aquele lugar”. É a dinâmica entre o pertencer e a pessoa, entre a autoridade e a liberdade, que precisam uma da outra.

Por isso, nós nos acompanhamos e acompanhamos os outros; dito sinteticamente, segundo a frase que pus como título do livrinho de La Thuile: *Amigos, ou seja, testemunhas*³⁶. Somos amigos de nós mesmos, entre nós e dos jovens, se nos testemunhamos mutuamente essa forma de estar na realidade despertada pela fé, pela Sua presença. Isso nos permite abraçar a tudo e a todos, até os pormenores da maneira como estamos diante de todas as coisas que acontecem na escola.



Concluo com algumas observações sobre as coisas mais concretas, operativas.

É impossível que a pessoa que deseja que seu ensino seja invadido pelo que lhe aconteceu não se interesse pelo que faz a Diesse (Didáti-

³⁶ *Amigos, ou seja, testemunhas. Assembléia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação. Parte integrante de Passos Litterae Communiois n° 87, outubro de 2007.*

ca e Inovação Escolar - Centro de Formação e Reciclagem; *nde*), não apenas porque deve fazer uso dela, mas porque deve também contribuir com ela; cada um de nós deveria dar uma contribuição para fazer uma Diesse que seja útil para todos. Pois é muito mais interessante, e podemos nos ajudar muito mais, quando todas as coisas circulam entre nós como resultado da nossa comunhão e quando providenciamos todos os instrumentos que nós, sozinhos, não poderíamos criar. Existe tanta riqueza entre nós, que nós podemos realmente nos acompanhar até nos pormenores da didática.

O mesmo acontece com a Federação das Obras Educativas (FOE) e as escolas promovidas por pessoas do Movimento: ajudarmo-nos nisso é fundamental.

Aproveito esta oportunidade para esclarecer minha posição em relação a ir ou não dar aulas nas escolas do Estado: existe hoje uma enorme oportunidade para muitos de vocês de entrarem na escola estatal. Ora, meu desejo não é que todos o façam. Digo apenas que essa é uma oportunidade missionária para todos nós. Muitas escolas inscritas na FOE têm vinte professores ou mais; eu me pergunto se todos os vinte são decisivos para sustentar a escola ou se dez deles não poderiam com maior utilidade levar seu testemunho à escola do Estado. Não porque uma escola livre não seja útil, mas porque nós existimos para todos. Será preciso, depois, em todo caso, ver se existem pessoas que são absolutamente indispensáveis, mas eu me pergunto se todas as vinte são indispensáveis.

Quero apenas compartilhar com vocês uma preocupação. Estamos hoje diante de uma grandíssima possibilidade (talvez por alguns anos não haja outra como esta). De que modo ela nos desafia? A que nos chama essa possibilidade? Eu digo: não temos outro critério, a não ser a missão. Isso não significa abandonar sem critério a escola particular, mas ver como todos estamos diante dessa situação.

Um exemplo: quando uma jovem do Grupo Adulto que leciona numa escola particular administrada por amigos nossos deu-nos sua disponibilidade para a missão, o primeiro que chamei foi o diretor da escola, ao qual perguntei: “Essa garota é indispensável para a sua escola? Posso levar a sério essa possibilidade, essa disponibilidade dela à missão ou seria um dano enorme para a escola?”. Uma vez que ele me garantiu que ela não era indispensável, aceitei a disponibilidade.

Esse é o meu critério sobre a questão da escola. Esse exemplo vale mais que mil palavras. Nós devemos, todos nós, nos posicionar diante dessa possibilidade com o desejo de responder à nossa vocação: como podemos comunicar a todos o que nos aconteceu, neste tempo particularmente dramático para a educação?

Esta foi a minha tentativa de ajudá-los neste momento. É uma proposta que podemos verificar ao longo de todo este ano em muitas oportunidades, comigo ou entre vocês. Eu lhes proponho que façam, no final do ano escolar, uma assembléia sobre isto, para nos acompanharmos neste caminho que estamos fazendo juntos.

Sumário

Introdução	3
<hr/>	
O desafio atual	6
<hr/>	
Como pôde acontecer	13
<hr/>	
Um novo início	16

Parte integrante de *Passos Litterae Communionis* n° 89, dezembro de 2007.

Diretora responsável: Isabella S. Alberto

Tradução: Durval Cordas

Diagramação: Milton Costa

Impressão: Neoband Gráfica

